

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

L. e L. — Qual a relação entre a Faculdade atual e a anterior?

F.H.C. — A Faculdade, tal como eu a conheci, teve vários momentos. Primeiro, quando eu estudei; depois, a época em que eu fui professor assistente; quando eu voltei, depois de 64; e agora. São coisas diferentes, vários momentos. Para começar, quando eu fui estudante, a Faculdade para nós era um deslumbramento, é verdade. Por que? Porque correspondia a uma espécie de enxerto cultural estrangeiro aqui, um enxerto que começava a pegar. O nível de seriedade era bastante elevado, e havia especialmente uma coisa que marcou, pelo menos a mim, marcou muito, era entender a vida intelectual como um modo de viver. Não era simplesmente um dado, não era nem uma profissão, muito menos um “bico”, era um modo de viver. E nisso, algumas pessoas foram fundamentais para transmitir esse sentimento. No meu caso, da minha geração, houve por um lado o Florestan. E por outro lado, havia mais duas outras pessoas que marcaram: o Roger Bastide e o Antonio Candido. De forma diferente. O Florestan marcava, porque o Florestan era realmente a Universidade como, vamos dizer, recrutamento pra guerra. Quer dizer, era tudo, força total, era guerra total. Ali a pessoa tinha que ter realmente um estilo de viver. A Faculdade ainda era na Praça da República. E o Florestan dava aula de avental branco, aliás, quase todos davam, de avental branco.

L. e L. — Você também!

F.H.C. — Eu também. E ele xingava muito, era sério, era didaticamente mau, mas transmitia um tal entusiasmo que marcava muito. O Antonio Candido, que não foi meu

professor no primeiro ano, foi só no segundo, já na Maria Antonia, marcava de uma outra maneira. Como alguma coisa assim, de a gente transcender o cotidiano para se fazer parte do mundo da cultura. O Florestan não era transcender o mundo cotidiano, Florestan era se operar no mundo cotidiano. Era pesquisa, pesquisa com um empenho total, e a crença na ciência. O Florestan acreditava na ciência, e permitia essa crença na ciência. E o Antonio Candido não, o Antonio Candido permitia uma outra coisa, permitia essa aspiração de transcender ao cotidiano, para deixar uma marca, num nível mais simbólico, da cultura. E o Bastide, Dr. Bastide, dava aula para nos desasnar. Quer dizer, embora ele desse aula em francês, e portanto não podia ser totalmente asno quem estivesse ali, porque já tinha tido uma certa formação, ele dava aula, ele resumia a literatura estrangeira. Resumia, enfim, o que os franceses pensavam, o que os alemães pensavam, o que os americanos pensavam. E era muito pachorrento, ele lia com atenção os trabalhos. O Florestan também. Florestan com uma minúcia extrema. Mas o Bastide dava um sentido de comparação, e relativizava. Enquanto o Florestan era o saber absoluto, a ciência ia dar o resultado, se aplicados certos métodos. Enquanto o Antonio Candido sublimava isso tudo, quase como uma expressão de alguma coisa que cintilasse aqui e ali, que iluminava um caminho. O Bastide, era uma visão mais modesta do que pudesse ser alcançado pelo instrumental científico, e comparativo sempre: é isso, mas também pode ser aquilo. Mas de qualquer maneira, o nosso mundo, nessa época, eu me refiro a 1949 — 48, 49, 50...

- L e L — Isso é a terceira geração, não é? O Bastide seria da primeira, o Antonio Candido e o Florestan da segunda e você da terceira.
- F.H.C — Nessa época, de qualquer maneira, a Faculdade preenchia a nossa vida. Quer dizer, pelo menos a minha. Completamente. Tudo, os relacionamentos, as amizades, os amores, tudo era ali. A Biblioteca, ia-se muito à Biblioteca Municipal. A Faculdade era na Praça da República, e nós vivíamos naquele miolinho. Isso foi numa época muito interessante culturalmente. Porque tinha o Clube dos Artistas, o Museu, que foi muito importante. Eu tinha feito um curso de monitoria no

Museu, aprendi a ver um pouco de arte, o Gianotti era um assistente pedante de arte naquela época. Anos mais tarde, ele foi comigo e com o Bento para a Europa, com a Ruth e com a Lúcia, e aí ele fez um curso prático de pedantismo. Mas isso aí era uma excitação muito grande. Só que era um mundo onde a política não existia, e veja que nós estamos falando de uma época que começou a vir de Dutra para Getúlio. E mesmo assim, na Faculdade, esses problemas, nessa época, não eram os problemas que nos comoviam, ou seja, era um ambiente de excitação *intelectual*.

L. e L. — Não havia nenhuma pessoa da Faculdade na política?

F.H.C. — Não, nessa época não. Pelo menos nesse grupo. Nós estávamos, realmente, lendo livros. E todo mundo que estudava Sociologia, ou quase todo mundo, especialmente naquela época, entrava porque queria entender o mundo, e operar sobre o mundo. E era muito distante isso. Porque nós tínhamos cursos sobre poucos teóricos. Mannheim, o Florestan gostava muito de Mannheim nessa época. Freyer, que é um autor alemão, que tinha sido nazista, na verdade. Weber, Weber bastante, Florestan e Antonio Candido gostavam. Fora isso, era índio. Então, os Guarani, ou os Kadiwéu, do Darcy [Ribeiro], ou os Terena. Tudo isso, nós estudávamos em Antropologia, nossa formação era muito assim. A gente lia Antropologia tanto quanto outra coisa. Malinowski, Radcliff-Brown, essa coisa toda, era o Schaden que dava, e o Florestan também. O Willems já tinha ido embora. E nós discutíamos esses problemas, ou então, discutíamos problemas de teoria.

L. e L. — Mas tudo via livro, não é?

F.H.C. — Via livro. O contacto com a vida era a pesquisa, e pesquisa, dos que davam, era negro. Então! Isso foi muito importante, foi Florestan e foi Bastide, porque através da temática dos negros, nós entramos na temática popular; isso foi um pouco depois. Foi na época em que eu estava já terminando a Faculdade e nós já estávamos aqui na Maria Antonia. Nessa época toda, enquanto eu fui aluno, a discussão era essa. Era a discussão teórica, e não se podia perceber a cor dos professores, Florestan, ou Antonio Candido. Antonio Candido,

nós sabíamos que era socialista. Mas nós *sabíamos* que era. A classe não revelava esse ser. E o Florestan era incógnita, porque ele ensinava a ciência. E Marx, que nós queríamos aprender, só mais tarde o Florestan passou a ensinar, e Marx *como método*. Um dos três métodos fundamentais. Para certos problemas. Então, ou você aplica o funcionalismo à la Parsons; ou você aplica Durkheim para o método comparativo; ou você aplica então Weber para toda a questão da temática da compreensão, da estagnação do sentido e tudo mais; ou você aplica o Marx para as grandes transformações macroculturais, com regularidades históricas, com sucessão temporal. Tudo aquilo que está nos *Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica*, que era a Bíblia da época para tudo que diz respeito a método. Quando nós chegamos aos *Fundamentos Empíricos*, nós já tínhamos lido bastante, como alunos. Durkheim, que era leitura obrigatória, e Weber, bastante. E em Filosofia, tinha-se bastante Filosofia nessa época, também, o Gueroult, que era meu professor. Eu não entendia nada do que ele me ensinava de Kant. E o Lívio Teixeira explicava Kant. A explicação sempre dizia alguma coisa, o curso do Gueroult, nada. Ou então, Descartes; esse nós entendíamos. E líamos, e fazíamos círculos, e aí entrava, vocês conhecem, o Tristão [Fonseca Fo.], entrava nessa estória Maria Sylvia [Carvalho Franco], o Renato [Jardim Moreira], Maria Alice [Mencarini Foracchi], eu, a Ruth [Cardoso]. O Tristão tentava ler em latim os textos do Descartes, a gente comparava várias edições, era isso. Bom, essa é a primeira fase, é uma fase puramente da minha experiência de vida da Faculdade. Não era uma coisa séria, mas bastante intelectualizada. Havia um professor, Cunha Andrade, que dava Filosofia, e o Cunha Andrade era mais politizado; mas ele dava os pré-socráticos. O primeiro trabalho que fiz de Filosofia, foi sob a orientação pessoal do Roque Spencer Maciel de Barros. Era sobre Parmênides. Até hoje eu devo ter, por aí, escrito. E nós íamos ver os fragmentos do Parmênides, e eu aspiraria muito ler em grego. Bom, isso, primeira fase. Segunda fase, já mais tarde, na Rua Maria Antonia, quando nós fomos para lá, eu já era auxiliar de ensino, fui ser professor. Bem, era a continuidade disso, com muito mais ciência. Quer dizer, o Florestan já tinha incu-

tido em todos nós o espírito da pesquisa. Aí, é a fase dos negros. Na fase dos negros, da pesquisa de negros, nós fomos para o Rio Grande do Sul, para eu escrever minha tese, para Florianópolis, escrevi outra tese, e Paraná. Eu, Renato, Octavio [Ianni]. E pesquisa do negro em São Paulo — eu trabalhei nessa pesquisa. Duas pesquisas, eu me lembro bem, nessa época. A dos negros em São Paulo, o Bastide andando nos cortiços aqui, no Viaduto Maria Paula. Hoje não tem mais cortiço nenhum, aquilo ali era um “cortiço”. E nós andávamos com o Bastide, e o espanto, o Bastide falando aquele português arrevezado, e eu não sei como é que ele entendia alguma coisa do que se dizia ali. Ele sabia bem português, mas falava mal. Eu sei que ele aprendia umas coisas, não sei nem como, por osmose, por intuição.

L. e L. — Por que o Rio Grande do Sul?

F.H.C — Porque o Sul tinha uma situação muito peculiar. O grande trabalho sobre negro que havia era do Gilberto Freyre, no Nordeste. E o Bastide, por exemplo, estava estudando o negro em São Paulo. E o Sul tinha a peculiaridade de que o negro entrou, em trabalho, numa relação mais próxima da relação capitalista industrial, porque eles trabalhavam em xarqueada. Eram poucos negros que trabalhavam, não no campo propriamente dito, mas na cidade, um artesanato forte também. Então, deu uma comunidade negra muito especial, no Sul. Então, através da questão dos negros é que nós tínhamos contato com o povo, nas favelas; é a experiência dessa época. Nós conhecíamos favelas de São Paulo até o Rio Grande do Sul. O Renato, Octavio e eu. E gafeira. O Renato era especialista em gafeira. Conhecia, gostava, porque ele começava a tomar sua cerveja. Eu sempre tive uma limitação na vida, eu quase não bebo. Então bar, para mim, é um ambiente de passagem, não é um ambiente de pouso. A conversa de bar é uma conversa difícil para mim, porque eu não tenho paciência para esse tipo de coisa. Mas nós fazíamos, de qualquer maneira, íamos nas gafeiras, nas favelas, descobríamos o povo, nesse aspecto. Já mais tarde, bom, era negro, e o Bastide, um pouco de psiquiatria social, ele fazia aqueles estudos, eu fiz com ele no Juqueri, com a Maria Isaura [Pereira de Queiroz]. Uma parte daqueles

trabalhos eu fazia até, pegava números pra ele, nos papéis; tem até agradecimentos nos trabalhos dele. Mas quem fazia mesmo era a Maria Isaura, que estava ali, durona. De qualquer maneira, eu ajudava um pouco o Bastide no início. Mas o primeiro lugar que eu tive, de emprego na Faculdade, não foi na Faculdade de Filosofia, foi na Faculdade de Economia. Já quando eu terminava o curso de 4 anos na Faculdade, eu fui para a Alice Cannabrava; fui primeiro para o Mário Wagner, para o Instituto de Administração, para uma senhora chamada Lucila Hermann. Daí, fizemos trabalhos sobre operários. Nós pegávamos os arquivos, que então estavam nos porões do que era a Assembléia Legislativa — hoje é o Degran, a Delegacia de Estrangeiros, aquela casa meio acastelada lá no Parque Pedro II — tinha o depósito da Lei de Dois Terços. Nós íamos pegar dados sobre operários. Então eu comecei aí, depois fui trabalhar com a Alice. Nesse tempo da Alice, eu estava no quarto ano da Faculdade e dava aula na Faculdade de Economia. Eu tinha vinte anos. Foi meu primeiro emprego, como professor, na Universidade. Eu não tinha terminado ainda a escola, e dava aula para essa gente que hoje está famosa aí. Eu fui colega do Delfim, lá na Estatística, e toda essa meninada, que eu não sei nem distinguir quais foram e quais não foram meus alunos, porque eu dei só dois anos de curso lá, e eu dava História Econômica da Europa. Eu dava Weber, que eu sabia, e a Alice me deu alguns textos. Ela ficou desesperada e disse que eu jamais seria um pesquisador. Porque ela nos obrigava a ler uma quantidade imensa (eu, mais o Fernando Novais e o Albertino Rodrigues) uma quantidade imensa de Atas da Câmara de São Paulo. Era um empirismo mais tosco, e eu me rebelava contra esse modo de fazer pesquisa muito desligada de qualquer hipótese. Porque tem de ser não só empírico, tem que fazer a generalização. Bom, e aí terminam esses dois anos, eu vou para a Faculdade. Houve uma briga com Alice, então eu fui para a Faculdade, para ser assistente do Bastide, na cadeira onde o professor trabalhava: a Gilda de Mello e Souza, eu, o Florestan e a Maria Isaura. Eu e a Maria Isaura éramos auxiliares de ensino, a Gilda e o Florestan eram assistentes. E o Bastide era professor. Aí é que eu fiz esse trabalho de psiquiatria com o Bastide; e continuávamos a questão dos negros. Mais tarde,

o Bastide foi embora e o Florestan o substituiu na cadeira. Nesse momento, nós então entramos em cheio nas pesquisas. Nós criamos um Centro de Pesquisas, o CESIT, Centro de Estudos da Sociologia Industrial e do Trabalho, que foi organizado basicamente por mim. Eu já era membro do Conselho Universitário. Havia uma diferença entre mim e os outros: é que eu estava me metendo na política, na Universidade. Fui representante dos alunos, dos professores-assistentes, na Congregação. Eu ajudei a criar o primeiro grupo de auxiliares de ensino, que era o que hoje é a ADUSP, a Associação dos Auxiliares de Ensino: fizemos isso na Universidade, na USP, na Filosofia, depois em geral. Concorri para o Conselho Universitário, fui eleito representante dos ex-alunos no Conselho.

L. e L. — Fazia tempo que você já estava na política?

F.H.C. — Já. Como representante dos ex-alunos no Conselho Universitário passei a ter força na Universidade e a brigar no nível da Universidade. Mas isso era eu, e para mim era uma coisa que eu tinha que fazer à margem da vida intelectual, porque a norma era a vida intelectual, sem mais nada. Eu me lembro no começo — eu estive com o Antonio Candido uma vez, e o Antonio Candido me disse: “Você tem tais e tais qualidades, porque que você. Deixa disso” E deu o nome de algum outro colega para quem eu devia deixar a função de fazer política na Universidade, para não desperdiçar o meu talento, que ele achava que era razoável, em coisas não tão importantes quanto a política na Universidade. E o Florestan, então, nem se fala, não tinha esse tipo de preocupação. E isso só veio, na cabeça da minha geração, sob duas formas de participação mais ativa dentro da política. Uma, foi a campanha em defesa da escola pública. Aí, o Florestan entrou, o Antonio Candido entrou, o Fernando de Azevedo entrou, o jornal *O Estado de S. Paulo* apoiou.

L. e L. — E Anísio Teixeira.

F.H.C. — E Anísio Teixeira. Acredito que foi ali por 58, 59. Aí então, nós fazíamos conferências. E eu sei falar com as pessoas, dar aulas, essas coisas. Eu não tenho e nunca tive dificuldades. Então eu fazia conferências também, às vezes por aí afora. E o Florestan fez muita conferência, e tal. Então, a participação era uma causa.

L. e L. — E pelo interior todo também.

F.H.C. — Também.

L. e L. — E isso sempre desligado do contexto político mais global?

F.H.C. — Completamente.

L. e L. — E do político-partidário, então, nem se fala.

F.H.C. — Completamente. Meu pai era deputado. Meu pai foi deputado de 54 em diante. Então, eu tinha ligação com a política partidária, pela via familiar. Embora eu não fosse membro de carteirinha do PTB. E eu tinha participação nos grupos de esquerda, na revista *Fundamentos*. Mas, naquela época, esse grupo todo era muito mal visto.

L. e L. — Era inteiramente individual isso? Só de sua parte?

F.H.C. — Era individual e mal visto. Minha, pessoal, um outro mundo. Eu sempre tive um mundo diferente do mundo da Universidade. Além do mundo da Universidade, eu tinha o meu mundo. Eu sempre me dei com pintores, com cineastas, esse cineasta tão famoso, que fez *Vidas Secas*, o Nelson Pereira dos Santos, o Luisinho Ventura, que era artista, o Mário Gruber. Então eu sempre tive este mundo, que não era o mundo da Faculdade. Era outro mundo. E este mundo era politizado. Ser politizado, naquela época, era estar ao redor do Partido Comunista. Era isso, e isso na Faculdade era mal visto pela elite intelectualizada. E o Partido Comunista, por sua vez, no seu meio intelectual, não tinha nada a ver com marxismo.

L. e L. — Era a fase do anti-estalinismo, todo mundo da esquerda era anticomunista por causa disso.

F.H.C. — Evidentemente, era muito forte essa coisa. Mas levava a uma atitude, digamos, simplesmente crítica. Não tinha atitude de participação nenhuma. E na época de Juscelino — Getúlio e depois Juscelino —, de grande mobilização na sociedade, isso não entra na Faculdade. Só vai entrar nos anos 60. A participação da Faculdade na política é nos anos 60, apenas. Aí sim. Mas nos anos 50 não. Quando é que o Jânio foi eleito governador de São Paulo?

L. e L. — Em 54

F.H.C. — Então, aí existe uma relação da Faculdade com a política, mas a relação é a seguinte: a Faculdade se defendendo contra Jânio. E aí, nós entramos todos. Em solidariedade ao Cruz Costa, em solidariedade ao Schemberg. A Congregação fez um manifesto ao povo e ao governo, e *O Estado de S. Paulo* publica. E o Fernando Azevedo lutava, e o Lourival [Gomes Machado] falava, e por trás estava o Antonio Candido, estava o Florestan, mais duro, e eu ajudando. Mas era uma relação especial, a Faculdade, em nome ou da ciência ou do povo, se dirigindo ao governo. Mas, partido, não. Bom, mais tarde, nos anos 50, aí na minha geração, a ligação teórica com a esquerda vem de outro lado, vem do seminário de Marx. Que é um invento do Gianotti. O Gianotti vai para a Europa, vai lá para estudar o estruturalismo na Filosofia. Ele tinha sido aluno do Granger, que era positivista. E eles todos foram para a Europa, e o Gianotti volta com a idéia de fazer uma leitura especial do Marx. Tomar o texto, como texto, e analisar o texto. E nós fizemos isso, organizando o seminário de Marx. Aí entra todo mundo, entra o Bento [Prado Jr.], entre o Roberto Schwarz, entra o Octavio, o Paulo Singer, o Fernando Novais, mais tarde o Juarez [Brandão Lopes], entram muitos. E isso foi um centro muito vital, culturalmente falando, mas que se fazia em casa. (E o Florestan não gostava disso, ele e o Laerte Ramos de Carvelho, que eram vizinhos, (e eu também, morávamos na Rua Nebraska) não gostavam por ciúmes. Porque aquilo era um núcleo, que não era *na cátedra*. Ainda a idéia de cátedra era muito viva, então. E nós éramos da cátedra, nós assistíamos todos as aulas do Florestan fardados, de roupa branca...

L. e L. — Guarda-pó branco.

F.H.C. — Guarda-pó branco, assistindo à aula do catedrático.

L. e L. — E você não passava de um assistente.

F.H.C. — Assistente: e eu já era doutor, com certa presença na vida da Faculdade, membro do Conselho Universitário. Porém, *assistente*. Hierarquia é hierarquia. E vale isso para o Fernando Azevedo, com muito mais força ainda. Bom, então aí tem um outro núcleo, que ativa a Faculdade. Os cursos, por exemplo, d'*O Capital*,

não sei o quê, que são dados nos anos 60, são frutos deste seminário de Marx. E isto é que, no plano teórico, politiza o curso. No plano do discurso teórico. Substituem-se os cursos, que nós dávamos — eu lembro, eu dava o curso de Introdução, no primeiro ano, que era um modelo do Florestan. Quem dava era eu, depois foi o Luís Pereira, e está num livro que até hoje se vende aos milhares, que é um livro meu e do Octávio, chamado *Homem e Sociedade*. É uma antologia, vendeu mais de cem mil exemplares, muito mais, já deve estar na vigésima edição. Até hoje se dá isso aí. Mas o curso era aquilo, quer dizer, era um *pot-pourri*, mais ou menos bem feito, das várias tendências da sociologia como ciência. Bom, o tema *Brasil*, era um tema que entrava com o ISEB. E nós éramos contra o ISEB. Porque na revista do Paulo Duarte, na revista *Anhembí*, tem artigos meus, da Maria Sylvia, de vários de nós, criticando o ISEB. Criticando o ISEB, porque era uma agência do Estado, e porque o ISEB politizava, e porque o ISEB não era rigoroso: não conhecia o caminho do saber científico. Vieira Pinto, era pau. O Cândido Mendes de Almeida, era uma paulada. Todos. Foi o maior time da ciência, e eles tinham uma prática ideologizada. Mas aí a gente veio da Faculdade, mais maduros, e começamos a dar outro tipo de curso. Convém ver os currículos pra ver como é que era, quem que dava o quê, que autores mandava ler nessa época, nos anos 50 para 60. Eu, nessa época, já faço a minha tese sobre o negro em Santa Catarina, sobre escravidão. E mudo de temática para os empresários. Essa temática empresário, Estado e classe operária, que era o CESIT, já é uma temática de compromisso entre os temas antigos e os novos. E o Florestan está no vértice disso. Permite a passagem *em tempo* — ter que estudar esses temas, e nos dias de hoje — embora ele continuasse estudando negros. O trabalho dele, quando a gente estava no Chile, em 65 ou 66, ainda era sobre negro. E nós já tínhamos feito trabalhos (eu fiz um trabalho sobre os empresários industriais, o Octávio fez um sobre o Estado) e no processo de fazer esse trabalho, eu comecei a rever muita coisa. Inclusive a crítica da visão comunista da burguesia progressista, e eu via que aquela ali estava toda — era no pré-golpe — estava toda no

golpe. Era toda contra a Reforma Agrária. Não tinha nada daquilo que se dizia. Até por razão intuitiva de modelos: o negócio é outro aqui. Está havendo um outro tipo de desenvolvimento, as classes estão funcionando de outra maneira, e a temática que eu vim recolher e pesquisei mais tarde no Chile, sobre dependência, está toda ali dentro. Quer dizer, no fundo os empresários que aqui governam, não governam como lá. Parece que é a mesma coisa, mas não é a mesma coisa. Você vê que tem uma referência às culturas européias, não sei quê lá, mas tem uma especificidade. Esse jogo, entre uma coisa e outra, é que constitui a temática que eu vou desenvolver mais tarde.

L. e L. — E era forte essa bandeira da burguesia progressista?

F.H.C. — Era fortíssima na época. E o meu livro critica isso. Engraçado, que muitos tomaram como se fosse um livro em defesa de, e não era. Era a minha tese de Docência, já.

L. e à. — É porque você era amigo do Fernando Gasparian.

F.H.C. — Porque eu era amigo dele, exato. Era isso. Dele e do velho Ermírio de Moraes; eram meus dois empresários. Bom, então, nessa época já a Faculdade começa a ter um outro perfil. É uma outra Faculdade. Então veja: primeiro momento, movimento dos estudantes, na Maria Antonia, esses modelos que eu disse. Segundo momento, nós jovens da minha geração, nós jovens assistentes, começando a ler fora da Faculdade a literatura crítica. Então, como é que nós vamos ler Marx, e usar Marx. Depois Sartre, Sartre esteve no Brasil, veio aqui em 60, não é isso? Sartre teve um impacto enorme sobre nós, nós tínhamos lido, não tanto a *Crítica da Razão Dialética*, mas aquele livrinho mais fino sobre as questões de método dele, aquele ensaio que explica como é que se pode usar o marxismo. E isso teve forte impacto em nós, e a presença do Sartre aqui, que foi um negócio que nos impactou muito. Eu traduzi algumas conferências dele, fomos para Araraquara com Sartre, juntamente com a Gilda, com o Antonio Candido, o Touraine, que ficou conosco. O Touraine teve um papel grande nesse momento. Porque o Touraine veio, já tinha feito umas pesquisas no Chile, chegou aqui e

disse a mesma coisa: “Olha aqui, a classe operária está bem, está se formando, vocês estão vendo” Ele lê os trabalhos meus, do Juarez, do Paulo Singer, do Octávio. “Vocês pensam que estão estudando a Europa? Isto aqui não é a Europa. Está vendo que a classe operária está se formando, mas já é outra coisa, diferente. Tem que estudar ao mesmo tempo as diferenças que tem aqui” E o Touraine influenciou muito a formação do CESIT, intelectualmente. Touraine me marcou. Touraine e Sartre. E depois, o Lukács. Bom, Sartre e Lukács. Florestan não gostou dessa passagem, porque ele achou, e aliás ele teve até alguma razão, que por aí nós íamos perder a sociologia científica, empírica. Mas foram esses os que na minha geração me levaram a dar o salto daquela literatura que eu aprendi com o Florestan, com o Bastide, com o Antonio Cnadido, para um outro tipo de literatura. Foi através do Sartre e do Lukács que nós aprendemos que o Marx serve para alguma coisa. Aí o seminário serviu muito e nossas teses, minha, do Fernando Novais, do Bento, de todos nós, foram uma espécie de diálogo com Marx, com Weber, mesmo com Parsons. E o Bastide escreveu uma crítica do meu livro, da minha tese de doutoramento, na França, onde ele diz que era uma coisa que você estranha, porque eu usava Parsons, Weber e Marx. É verdade. Usava lá por trás, subconscientemente. Talvez a idéia do processo, a idéia de status, isso era redefinido, porque é parsoniana; era redefinida pela análise estrutural dialética, e também a idéia de recuperar o sentido, que é weberiana. Na minha tese de empresários tem a mesma coisa, ele tornando a me encher: “É Weber ou é Marx?” Sei lá, o problema não é ser Weber ou ser Marx, nós vamos descobrindo uma temática. Qual é a temática? A do desenvolvimento, a da formação de uma sociedade que se industrializa na periferia do mundo capitalista, que tem portanto pontos de similitude, mas é outra coisa. Essa temática que o ISEB tinha colocado. O ISEB colocou como defesa, colocou ideologicamente, e nós fomos re-descobri-la mais adiante, como crítica. Então essa é a outra fase da Faculdade. Só que nos anos 60, a Faculdade se torna uma Faculdade de massa, começa a se tornar. Tem o curso noturno, na época do Carvalho Pinto, vêm mais estudantes, ela não se prepara para essa etapa. E o seminário de Marx — aí eu estou fa-

lando da minha experiência —; mas aí entra o Rui Fausto, o pessoal da Filosofia propriamente dita, que entra nisso também. E, dos seminários, para uma politização rápida, não foi difícil. Isso é o que ocorreu nos anos 60. Aí eu estou fora. Eu saio em 61. O último curso que eu dei na Faculdade, foi em 63, curso completo, eu era livre-docente. Eu já era livre-docente e estava me preparando para fazer o concurso de cátedra, porque o Fernando Azevedo ia se aposentar, e eu ia concorrer com o Ruy Coelho, no concurso de cátedra. Aí, veio o golpe. E o golpe nos pega de uma maneira dura. Até porque eu era amigo do Darcy Ribeiro, mas eu não tinha ido para a Universidade de Brasília, tinha defendido a Universidade, e tivemos uma briga, com o Darcy. O Darcy era Chefe da Casa Civil do Jango. Mas o Jango era muito distante de nós, aquilo era uma coisa, uma prática, que víamos com muita distância, muita reserva, por causa do populismo. Quer dizer, nós éramos elitistas, vistos do ângulo de hoje. Nós achávamos que nós éramos classe operária pública em transformação, mas nós éramos muito elitistas, tínhamos horror, na prática. Então, nós não tínhamos nada a ver com a estrutura de poder que se estava montando, nada. E o golpe veio, e nos pegou como se nós tivéssemos. O que nos surpreendeu muito. Quer dizer, porque eu estava no Conselho Universitário, eu já tinha brigado muito. Aí sim, tínhamos brigado pela modernização da Universidade, tínhamos ajudado a botar o Ulhoa Cintra lá, tínhamos defendido o Ulhoa Cintra, tínhamos feito a FAPESP. Tem sociologia na FAPESP porque tínhamos convencido o Alberto Carvalho da Silva e o Luiz Hildebrando. Tínhamos brigado muito com o Gama e Silva, eu brigava muito com o Conselho Universitário, eu tinha brigado muito com o Cintra, eu tinha brigado com Zeferino à morte, com os velhos oligarcas do Conselho Universitário. E tínhamos ganho o Conselho Universitário. Então houve uma reação da Universidade, e aí foi que nos expeliram da Universidade. Antes dos militares, foram os professores.

L. e L — O que?!

F.H.C — Foi isso que eles fizeram. . . Porque eu não tinha participação política geral suficiente para atrair a ira de

militar algum. Quer dizer, tinha essas relações com o Darcy, e que mais? Relações que não eram suficientes para isso. Não tinha nada a ver com a estrutura de poder que estava montada no país. Era aquela marca da Universidade, como um modo de viver. Eu nunca tive outro emprego na vida. Aliás eu nunca tive emprego no Brasil, eu só tive na Universidade e depois no CEBRAP, agora no Senado. Eu nunca tive emprego, nunca tive “bico” eu nunca fui consultor. Nunca fiz isso. O negócio nosso era viver aquela vida, aquela vidinha ali que nos bastava. Então, quando vem o golpe e nos pega, é um raio num dia de céu azul. Eu não era capaz de imaginar aquilo que acontecia. Eu me recordo bem que uma noite a polícia foi atrás de mim. Eu fiz uma reunião, eu era representante dos ex-alunos e dos professores até, no Conselho. E fiz uma reunião na Faculdade para discutir a situação. Três ou quatro dias antes do golpe teve uma assembléia agitada. Nela eu tive que me opor ao Weffort, ao Rui Fausto, e não sei mais quem, porque eles queriam mandar um protesto contra os generais golpistas *do seu João Goulart*. Eu disse, não é possível, o golpe vem do outro lado. E foi uma luta para segurar esse negócio. Você vê a desorientação em que nós andávamos. E depois eu fiz a reunião na Faculdade, e isso foi contado à polícia como se fosse uma reunião para armar o pessoal, para se defender. Tudo por questão política. Então, eu fiquei aqui escondido uns tempos ainda, e tentando continuar a escrever a minha tese de cátedra. Que eu só escrevi anos depois; era a mesma, sobre a Argentina, o Chile e tal, e os empresários. E eu fiquei me escondendo, fiquei na casa da Célia [Nunes Galvão] tentando escrever a tal tese, isso em 64. E me lembro que uma noite eu fui à casa do Prof. Honório Monteiro, que era membro do Conselho Universitário e altamente reacionário. Mas era meu amigo. Porque você fica tantos anos ali junto, sempre contra mas sempre juntos. Ele, o velho Camargo, oligarca da Poli, eles gostavam de mim. Porque eu era bastante jovem nessa época e eu tinha posto e presença no Conselho, controlando as coisas. Então nós brigávamos muito e nos gostávamos muito, o Camargo e eu. O Zeferino eles não levavam, eles não gostavam muito do Zeferino, embora fossem aliados. Então, eu fui à casa do Honório, para saber. Daí, o

Honório: “Não, vai mudar tudo”; porque, eu não entendia — o que ia acontecer no Brasil naquela época. “Não, isso aqui vai ser como em 30”, eu me lembro que o Honório me disse isso. E ele foi muito correto até, comigo. Telefonou para o Reale, que era Secretário da Segurança, Miguel Reale, e disse que eu era uma pessoa teórica, me fez elogios. Aí o Reale disse: “Não, ele é prático também, não é só um teórico” Então, que não dava para segurar a barra, não sei o quê. O Honório foi correto, até no Conselho. Mas, para mim isso era uma briga universitária. Eu sabia o que havia no Brasil, é claro: eu não estava envolvido nisso. E veio esse golpe, como uma paulada, e eu fui-me embora, com a ilusão de que eu iria fazer a tese de cátedra e voltaria. Mas era essa a impressão que dava, em 64. E muitos ficaram, e fizeram aquela tese normalmente aqui. Em 64, não foi em 68. Mas só pra você ter idéia de como nós éramos bastante desconectados do processo político efetivo. O quê que a Universidade fez? Eu combinei com o Ferri, que era reitor interino, que eu mandaria um pedido de licença, e eles me dariam a licença para eu ficar lá fora. Mas ele não teve coragem. Depois eu mandei uma carta, quando estava no Chile, contando essa coisa e que eu já não voltaria, porque não tinha condições. E a Faculdade, *ela própria*, fez uma comissão de inquérito, e essa comissão de inquérito pediu a cabeça de muitos. Mais do que os que lhe deram.

L. e L. — E quem fez parte dessa comissão?

F.H.C. — Ah, eu não me lembro dos nomes. Eu me lembro do Doutor Theodureto Souto, que eu conheci muito, que era professor de São Carlos. Eu me lembro que tinha um da Faculdade de Direito, que eu já esqueci o nome, que foi depois Ministro do Supremo Tribunal Federal. Eles pediram a cabeça, não só a minha, a de muitas pessoas mais.

L. e L. — Mais do que a repressão estava pedindo?

F.H.C. — Muito mais! Eles pediram que tivéssemos o mandato cassado. Eu não tive. O mandato não! que eu não tinha mandato: os direitos políticos cassados.

L. e L. — Não só nos entregarem a policiais militares.

F.H.C. — Não, muito mais! Bom, aí vem o inquérito na Faculdade. Eu estava no Chile. O inquérito pegou só o Florestan, o Mário Schemberg, o Cruz Costa e eu. Resumiu a quatro. E esse inquérito durou até — me deram ordem de prisão — até 67; tive esse problema. Aí eu fui à Argentina, e quando eu estava na Argentina recebi um convite através do Nuno Fidelino de Figueiredo, que era diretor da CEPAL, para ir para a CEPAL. Eu já tinha feito um trabalho na CEPAL com o José Medina Echevarria, um sujeito extraordinário, um grande sociólogo espanhol, com quem depois eu trabalhei vários anos, e eu fui pro Chile, e aí eu não sei, não estive aqui neste período. Que eu creio que foi um período rico, de 64 até 68. E aí a Faculdade se politizou muito, nessa época. Quando eu voltei.

L. e L. — Por volta de 67?

F.H.C. — Eu voltei em 68. Eu fui para o Chile, eu fui para a França, eu era professor em Nanterre. Eu voltei para fazer concurso de cátedra, mas não o mesmo. O mesmo, o Octávio fez com o Ruy Coelho, e o Ruy ganhou. O Lourival nesse meio tempo faleceu, e eu então fui para a cátedra do Lourival. Bom, quando eu voltei, a Faculdade estava ocupada pelos estudantes, e isso me surpreendeu muito aqui, porque não era a Faculdade que eu conheci, já era uma Faculdade muito politizada, já havia os movimentos estudantis com muita força, muito mais do que tinha antes. Foi a época da Passeata dos Cem Mil. Eu participei, eu vivi aqui algumas dessas passeatas. Estava lá na época em que houve o assalto à Faculdade, fiquei lá dentro também. Queimaram os arquivos nossos, perdi muito material porque minha sala pegou fogo. Uma grande pesquisa que eu tinha lá, que eu tinha feito com a Gilda há muitos anos, em Ouro Preto, queimou tudo isso. Queimaram muita coisa. E eu fiz o concurso de cátedra, nessa época, na Faculdade ocupada. E fui fazer concurso lá no campus, no Auditório de História, e houve até protesto, a Helena Hirata protestando, e eu não entendia, porque era a única. Eu estava fora da Universidade: ou eu voltava via concurso, ou eu estava fora. E ganhei o concurso de cátedra. Então, esta Faculdade, foi uma Facul-

dade muito diferente. Eu ganhei o concurso de cátedra, e logo depois veio a tentativa de fazer os colegiados alunos/professores.

L. e L. — As paritárias.

F.H.C. — E eu fui o presidente da paritária. Não da paritária geral da Faculdade, que foi o Antonio Candido. Fui das Ciências Sociais, fui do Departamento, eu fui eleito. Virei o Chefe do Departamento. Voltei; primeiro os alunos estavam contra, rapidamente fui reabsorvido. E fizemos uma reforma com estudantes e professores, nos currículos, não sei o quê, essa coisa toda. Aí, durou pouco. Em 69, me aposentaram pelo AI-5. E esta Faculdade da transição, desses estudantes — essa menina, a Vânia Santana, era muito ativa. O Fernando Pirilo, que eu vi ontem, professor do *Objetivo*, vários estudantes — foi a geração que foi para a guerrilha. Uma parte dela. Foi para a A.L.N, V.P.R., aqui mesmo. E mais tarde pro Araguaia. Foi a geração que foi pro Congresso de Ibiúna, que se realizou nessa época, 1968.

L. e L. — E onde pegaram todo mundo.

F.H.C. — Todo mundo. Então, já é uma outra Faculdade: esta é uma Faculdade em que já os estrangeiros estão longe, já a pesquisa começa a ser difícil de se organizar, já a politização é muito grande, e a repressão cai sobre ela de maneira atroz.

L. e L. — Se você tivesse que dar uma idéia de que tipo de Universidade seria mais interessante para nós, qual seria? Esta, politizada, ou aquela mais científica?

F.H.C. — Bom, a politizada a um grau extremo, não funcionou. Agora, aquela anterior a essa politização, nos anos 60, era uma Faculdade que ao mesmo tempo dava uma formação, e tinha preocupação política efetiva. Depois não deu para funcionar, porque aí são momentos que não tem o estudo, só a ação. Quando era 68/69, aquilo tudo era uma pantomima à parte, não se pensa mais em estudo, os estudantes estão participando, tentando renovar, mas na prática estão noutra coisa. E eu não sabia que estava metido em coisa nenhuma, nós não sabíamos, por que era outra geração, um *gap* tremendo. E depois vem a repressão. E com a repressão não dá para ter

nada. Tinha a repressão, que eu vi de longe, que eu vi do CEBRAP. Porque eu fui pro CEBRAP, fazer coisas no CEBRAP, e ficaram alguns núcleos na Faculdade — umas pessoas, quase, na Faculdade — e uma desmoralização grande. Aí, não tem ameaça nenhuma, porque você não tem nem ciência, nem política. Você tem uma coisa formal. Apesar disso, eu acho que houve núcleos e movimentos que fizeram trabalhos bons. É uma coisa que a gente aprende duramente: na pior repressão alguns trabalhos são muito bons. Você põe pra fora, vomita, o seu asco, na ciência, ou na poesia, na prosa, sei lá no quê. Você faz coisas. E a gente tentou fazer o tempo todo. Tentamos fazer no CEBRAP, fizemos muita coisa, tentamos fazer no plano cultural, fizemos a revista *Argumento*, uma revista interessante, e em época de repressão. Essa época eu não tinha nada dentro da Universidade, eu estou fora da Universidade, e eu não voltei à Universidade. Só voltei uma vez, para dar uma conferência e o professor França, então diretor da Faculdade, caiu por causa disso. Florestan e eu. Aí eu fui chamado ao DOPS, foi um inferno. Então, eu fiquei, realmente, vivendo no Brasil.

- L. e L. — E você não podia nem dar uma conferência.
- F.H.C. — Não podia. Estava proibido. Eu estive um tempo no Brasil, no CEBRAP, fazendo os trabalhos do CEBRAP, e dando aulas no estrangeiro. E eu tinha feito uns trabalhos lá fora, nessa época. E eu fiquei com uma certa fama. A maior parte dos trabalhos meus, importantes, eu fiz fora. São problemas que se difundiram nesta época em que eu estou fora daqui. E aí, no estrangeiro, eu fiz uma carreira bastante rápida. Não tenho queixa disso. Nunca esperei. Eu fui professor no *Collège de France*. Eu fui convidado pelo Foucault para ser professor permanente. Eu fui professor em Nanterre, na Escola de Altos Estudos. Eu fui professor de quem? Não sei nem porque, nem como. Fui professor em Princeton, fui professor em Harvard. Enfim, essa coisa eu fiz toda.
- L. e L. —. Claro, estava desempregado, portanto qualquer empreguinho servia.
- F.H.C. — Essa carreira, aí fora, eu fiz toda. Hoje eu sou membro da *American Academy of Science*. Fui presidente da

Associação Internacional de Sociologia. Ainda sou. Isso tudo, para mim, não teve um significado vital. Aconteceu. Não foi um negócio que eu tive que trabalhar. E é verdade, quer dizer, às vezes eu recebo por telegrama o convite. Não sei quem é que ajudou, talvez eu tenha sorte. Claro que eu devo ter algum valor, mas em que circunstâncias. — E aí eu estou longe desta Universidade. E quando eu volto, quando há a anistia, pensei, minha vida está lá, meus amigos estão lá, e sempre houve um lado da Universidade, no qual havia possibilidade de me apoiar. E ao CEBRAP também.

L. e L. — Não tenha dúvida. Não como um todo, mas sobrou gente.

F.H.C. — Tem gente boa. E continuam lá, fazendo coisas, e tudo isso.

L. e L. — E você sempre deu a maior força.

F.H.C. — Eu sempre dei a maior força. E então, eu estou sabendo o que está acontecendo na Universidade. Eu acho que o grande processo que houve, foi primeiro essa paulada, da desmoralização. A própria Universidade acusando gente. Foi horrível! O processo de podridão. E depois a burocratização. Com a Reforma de 69, vem a burocratização, depois uma dispersão. Então, essa Faculdade de hoje, como eu vi depois da anistia, eu podia voltar para lá, até fui lá, várias vezes e tal. Eu não tive vontade de voltar

L. e L. — Por que?

F.H.C. — É. Depois da Anistia, 79/78. Eu não tive vontade de voltar, porque, primeiro, é evidente, enquanto você está fora, os espaços são ocupados. Voltar, queira ou não queira, restringe e desloca alguns que são meus amigos, que foram meus alunos, que são pessoas que têm valor. Eu não achei que fosse uma coisa produtiva para a Universidade. Em segundo lugar, eu já tinha tido uma carreira intelectual muito intensa, lá fora. E não tinha muito interesse em dar aula. Eu sei falar com o pessoal, eu até me entusiasmo. Como me entusiasmo falando mesmo aqui. Eu me entusiasmo, eu gosto de determinados assuntos. Mas essa não é a questão. Eu não tinha mais possibilidade de ter paciência, de uma

certa dedicação. Quer dizer, o padrão de Universidade em termos intelectuais em mim, é muito forte, para eu poder conceber de eu ser um professor marca barbante. Pois é, agora não tem. Então, você vê que a universidade esvaziou. Que a vida intelectual não passa por ali. Pode ser que num ou noutro setor. No nosso setor, de Ciências Humanas, não passa por ali, não tem. Não tem essa tensão criadora que tinha. É boa, é ruim, é pior, a temática é deslocada, ou está muito politizado, mas tinha uma tensão: lá, não tem nada. Agora, tem aquelas salas, tem não sei quê lá.

L. e L. — E que remédio existiria para essa Universidade? Se é que existe algum remédio.

F.H.C. — Eu não sei porque eu acho que o remédio tem que ser interno. Nós, agora, temos a possibilidade, através do governo, de ajudar. Eu tenho possibilidade de ajudar. Mas para ajudar tem que saber se vem.

L. e L. — Tem que vir de lá para cá.

F.H.C. — Por dentro. De fora não vem nada. Vem o que de fora? Mais dinheiro? O problema não é de dinheiro.

L. e L. — Mais dinheiro só não resolve.

F.H.C. — Não resolve. Fazer a reforma das estruturas da Universidade, também não resolve. Falta o *demônio*, que ninguém pode dar.

L. e L. — Você se queixa de que na sua época o Conselho Universitário era composto de velhas mentalidades encasteladas nos seus privilégios. Parece que o atual Conselho Universitário é exatamente isso!

F.H.C. — Não! É pior! Porque no antigo Conselho Universitário, pelo menos, a gente era representativa de um corpo organizado e eles eram catedráticos. Tinham feito uma carreira, tinham força. Atualmente, não tem nem força, ninguém tem força. A burocracia tem um conselho enorme, tudo enorme, mas você não tem nem representação organizada, pode ter assembleia, assembleísmo, mas isso reflete, e você não tem personalidades como o Florestan, que rompia tudo. Ou o Fernando Azevedo. Agora você não tem isso, esse tipo de gente. En-

tão, fica uma coisa difícil à mostra. Eu não quero dizer que as pessoas não aprendam, aprendem. Eu não quero dizer que não tenha teses boas, tem. A quantidade de teses aumentou muito. E melhorou. Veio muita tese interessante. Antes eram poucas, não dava para julgar. Melhorou. Eu não estou condenando, não é assim, a produção isolada; é essa tensão da Universidade, que dava um *élan* enorme. Isso não tem agora. A vida passa por fora de lá. Nenhum país dispensa uma Universidade. Precisa ter, porque é aí que você normatiza uma porção de valores. E isso está faltando. Então você diz que tem uma tensão sufocada, melhor ainda, porque, então, tem esperança. E isso é ótimo. Agora, se eu não quis voltar pra lá, foi pela razão que eu estou dizendo. E por outra: que, agora, eu me recuso sistematicamente a aceitar qualquer posição universitária. Mesmo em Brasília, agora. Eu sou senador, e você não pode ser senador e professor. Em homenagem às duas funções. A função de professor, de pesquisador, exige um tipo de dedicação que não pode ser perturbada. Eu sei que há momentos, na vida. Eu posso voltar a ser professor. Mas eu não quero ser simultaneamente senador e professor — correndo, dá uma aula. Não, não tem sentido. Não dá, para mim. Não é para quem tem a formação que eu tenho, o modelo de vida... Não dá para eu fazer isso. O pessoal, lá em Brasília, me fez convites, para vários lugares, e tal. Eu nunca aceitei; mas nem o CEBRAP, agora eu me afastei, só estou no Conselho.

L e L — Porque também não dá para ser senador em tempo parcial, não é?

F.H.C. — Não dá. Se você for levar o negócio para valer, não dá. E é melhor levar para valer. Então, essa Universidade que está aí agora, ela está cancerosa de burocracia. Pode ser um câncer extirpável, mas é muito forte. E a sociedade também mudou. A sociedade de um modo geral mudou. O valor de profissão, de ganhar dinheiro, está muito forte. Isso é uma outra coisa importante. Entre os anos 50 até 60 (em que eu era, primeiro, aluno e depois assistente) a nossa vida era muito modesta, em comparação com o que é hoje.

L e L. — De bens materiais.

- F.H.C. — De bens materiais. Nós não pensávamos nisso. Eu, que nunca fui propriamente pobre.
- L. e L. — É, o pessoal até desprezava os bens materiais.
- F.H.C. — Desprezava. Não tinha sentido. Isso mudou, não é uma questão de pessoas. Mudou a sociedade, mudou não sei quê lá, e tal. E depois, tudo é mais difícil para se obter. Você não pode mais ter a vidinha que a gente levava, da Maria Antonia para a Biblioteca, de lá prá cá. Era isso, mais nada. É muito maior. Exatamente. Se se pensar onde é que tem universidade nesse sentido. Você conhece os Estados Unidos. Lá é um modo de viver. É a cultura, o estilo de vida. É modesto também. É uma maneira de você se dar bem com aquilo, mas você não está querendo o resto que a sociedade oferece.
- L. e L. — Você se isola. Mas na Europa também é assim.
- F.H.C. — Na Europa também. Mas na Europa, a Universidade. A Universidade de Paris, é uma coisa muito grande ligada a Paris, então dispersa. A Universidade de Cambridge ou de Oxford, é uma Universidade nesse modelo alemão, é anglo-saxão hoje, não é mais latino. Esse modelo de produzir ciência, de produzir cultura. Na França, a vida corre fora da Universidade. Corre dentro e fora, mas fora os núcleos são muito importantes, as revistas, e tal. Será que aqui não vai ser assim? Não sei. Tem vitalidade. O teatro tem vitalidade, a imprensa tem vitalidade no Brasil. Tem muitas coisas com vitalidade. Que requerem a passagem pela Universidade, mas não requerem que você more nela, que você seja *ela* apenas. Você vai para fora, você salta dela.
- L. e L. — O sistema universitário é muito pequeno.
- F.H.C. — Mas se houver um sistema universitário muito grande, não vai nem poder alimentar isso que está aí. Então, é outra etapa da Universidade. Não é nem a Universidade morta pela repressão e pela burrice interna, nem a Universidade ideal e modelo que nós queríamos ter, nem aquela intermediária e auto-referida, que é aquela mais antiga. É outra coisa. Não se sabe direito o que é.